



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 15, n. 5, art. 5, p. 88-111, set./out. 2018

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2018.15.5.5>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



A Invenção do Pesquisador em Educação: Atores, Autores e Práticas

The Invention of the Researcher in Education: Actors, Authors and Practices

Miriam Pires Corrêa de Lacerda

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Professora da Universidade FEEVALE
E-mail: miriam.p.c.lacerda@gmail.com

Victor Hugo Nedel Oliveira

Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Mestre em Ensino de Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Professor Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: victornedelcap@gmail.com

Endereço: Miriam Pires Corrêa de Lacerda

ERS 239, 2755 - Vila Nova, Novo Hamburgo - RS,
93525-075. Brasil.

Endereço: Victor Hugo Nedel Oliveira

PUCRS - Av. Ipiranga, 6681 - Partenon, Porto Alegre –
RS, 90619-900. Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 31/05/2018. Última versão
recebida em 20/06/2018. Aprovado em 21/06/2018.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Esta pesquisa inscreve-se entre aquelas que tomam em análise a definição do campo de pesquisa em Educação. Objetiva-se analisar um conjunto de artigos que versam sobre o tema. Para atingir tal propósito, utilizou-se uma investigação de cunho qualitativo, que fez uso da pesquisa bibliográfica e do procedimento de fichamento de artigos reconhecidos no âmbito acadêmico da pesquisa em educação. Neste processo, levantaram-se os principais materiais e realizou-se a seleção particular deles, de maneira a chegar aos dez textos apresentados nos resultados e discussões. As informações qualitativas que emergiram após o fichamento dos textos foram submetidas à análise de conteúdo de Bardin (2009). Dos temas tratados nos dez textos analisados, como corpus da análise da pesquisa, três grandes categorias emergiram. São elas: o ofício do pesquisador; normatização da pesquisa; e o campo científico da educação. Os resultados apresentam textos que dialogam entre si, formando uma estrutura de leitura dos artigos relacionados à pesquisa em educação, direcionando o leitor para a construção de metodologias ativas e reflexivas na pesquisa em educação.

Palavras-chave: Pesquisa. Educação. Campo Científico.

ABSTRACT

This research is among those that take into consideration the definition of the field of research in Education. The objective is to analyze a set of articles that deal with the theme. To achieve this purpose, a qualitative research was used, which made use of the bibliographical research and the procedure of registration of articles recognized in the academic scope of research in education. In this process, the main materials were collected and the private selection was made, in order to arrive at the ten texts presented in the results and discussions. The qualitative information that emerged after the texts were submitted to the content analysis of Bardin (2009). Of the topics dealt with in the ten texts analyzed, as corpus of the research analysis, three major categories emerged. These are: the office of the researcher; Standardization of research; And the scientific field of education. The results present texts that dialogue with each other, forming a structure for reading articles related to research in education, directing the reader to construct active and reflexive methodologies in education research.

Keywords: Research. Education. Cientific Field.

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar a educação é pesquisar a vida...

Muito há o que se dizer quando o assunto é a pesquisa em educação. Não há dúvidas de que os pesquisadores deste campo, através de seus trabalhos, demonstram o quão amplo e significativo é pesquisar em educação. Mas, em algum momento, pode-se questionar: como vem se discutindo, academicamente, a pesquisa em educação em tempos contemporâneos? Pesquisadores como Romanowski e Ens (2006), Gatti (2007) e Cachapuz (2008) já inferiram e afirmaram sobre a necessidade de pensar, com especificidade – mas também abertos à interdisciplinaridade – o campo de pesquisa em educação.

O principal objetivo desta pesquisa foi reunir um grupo de artigos científicos relacionados ao tema da metodologia da pesquisa em educação/ciências sociais/ciências humanas e, a partir deste inventário, elaborar discussões que fomentem a leitura e interpretação dos referidos documentos em educação.

Percebe-se, no recente momento em que vive a pesquisa, que muitos materiais são publicados diariamente, principalmente no sentido de contribuir com o avanço da investigação nos campos supracitados, mas também como forma de cumprir a métrica estabelecida pelos campos avaliativos de diferentes instituições, seguindo diferentes padrões. O que se propôs com esta pesquisa foi, então, levantar as principais discussões no campo da educação, para que se pudesse construir e organizar uma linha de ideias, as quais possam servir de referência para os estudos no campo.

2 METODOLOGIA

Este artigo resulta de uma investigação de cunho qualitativo, que fez uso da pesquisa bibliográfica. Sabe-se que “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.” (FONSECA, 2002, p. 32). Para este estudo, adotou-se como critério para seleção de textos que compuseram o *corpus* de análise, aqueles materiais que, a nosso julgamento, são representativos das metodologias de pesquisa mais frequentemente utilizadas em Educação.

Sabe-se, que existem diferentes formas de estudar um texto científico, e uma delas é o fichamento. Fichar um texto não é apenas resumi-lo, nem apenas sublinhar ou destacar as

principais ideias, tampouco apenas dissertar sobre o assunto. O ato de fichar um texto requer atenção contínua durante os diferentes processos que precedem e que dão continuidade ao estudo, a saber:

a) escolha e curadoria dos textos: o primeiro e fundamental ponto constituiu-se do processo de escolha e curadoria dos textos. Há uma diversidade de materiais disponíveis na área de educação, no que se refere aos relacionados ao tema da pesquisa neste campo. Realizar, assim, a curadoria destes materiais é, de fato, pinçar o que especificamente pode tornar-se interessante aos pesquisadores da área de educação.

Como resultado deste movimento, foram selecionados os seguintes textos:

Quadro 1 – Textos que constituem o *corpus* de análise

Textos selecionados
GANS, Herbert. Amnesia sociológica: la “nocumulación” de la ciencia social normal. Apuntes de Investigación del CECYP . Centro de Estudios en Cultura y Política. Año X, 2006, N° 11, Bs. As
MARRADI, Alberto; ARCHENTI, Nélica; PIOVANI, Juan. El diseño de investigación. In: _____. Metodología de las Ciencias Sociales . Buenos Aires, Emecé, 2007, p. 71-85.
PAVIANI, Jayme. Características do problema de pesquisa. In: _____. Epistemologia Prática , Ensino e conhecimento científico. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.
CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. Revista Brasileira de Educação , v. 11, n.31, jan./abr. 2006.
GATTI, Bernardete Angelina. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. Cadernos de Pesquisa , n.113, p. 6581, julho/2001.
PLAISANCE, Éric; VERGNAUD, Gérard. A pesquisa em Educação: Ciência ou Ciências. In: _____. As Ciências da Educação . São Paulo: Loyola, 2001
BOURDIEU, Pierre. La práctica de la Sociología Reflexiva (Seminario de París). In: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. Una invitación a la sociología reflexiva . Traducción: Ariel Dillon. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005
RAMOS ZINCKE, Claudio. Cómo investigan los sociólogos chilenos en los albores del siglo XXI: paradigmas y herramientas del oficio. Persona y Sociedad , XIX (3), 2005, p. 85-119.

ALMEIDA, Marília Lemos de. Análise de dados na pesquisa qualitativa: desafios ao pensamento criativo. **Arxius de Ciències Socials**, n.31, p.143154, dez. 2014.

WRIGHTMILLS, C. Apéndice. Sobre artesanía intelectual. In: **La imaginación sociológica**. Fondo de Cultura Económica, México, 1961. pp 206-236

Organização: Os autores (2018).

b) leitura flutuante dos textos: processo já descrito por Morosini (2015, p. 112), quando trata do tema da construção do estado do conhecimento e as questões específicas do campo científico. Realizar o que se chama de leitura flutuante do texto é fazer o “passar de olhos” sobre o mesmo, de maneira a ver se ele se propõe ou não para a composição do *corpus* da pesquisa.

c) leitura em profundidade aos textos: feita a leitura flutuante e procedida a seleção dos textos, passa-se a leitura atenta dos mesmos. Aqui está um dos pontos cruciais para o entendimento e posterior elaboração dos materiais de constituição do fichamento da pesquisa.

d) elaboração do mapa mental com as principais ideias do texto: após a leitura atenta dos textos – e em alguns casos durante a leitura – elaborou-se o mapa mental com as principais ideias descritas no material, de maneira a produzir reflexão sobre os escritos. O mapa mental e sua elaboração já foram descritos por Buzan (2005), como forma de organizar ideias e, a partir desta organização, estruturar conceitos.

e) escrita do fichamento: de posse do mapa mental do texto trabalhado e das discussões sobre ele, realiza-se a escrita do fichamento. Procurou-se estabelecer a limitação de, no máximo, duas laudas para cada texto, bem como de que o referido material pudesse constituir-se como *core* da leitura, ou seja, que trouxesse para o leitor a alma daquilo que se leu.

f) análise de conteúdo dos fichamentos: as informações qualitativas que emergiram após o fichamento dos textos foram submetidas à análise de conteúdo de Bardin (2009), num processo dinâmico de constante confronto entre teoria e conteúdo que emerge a partir das estratégias selecionadas para essa pesquisa, o que origina novas concepções e, conseqüentemente, novos focos de interesse.

g) revisão da escrita: por fim, realizou-se a revisão – necessária – de qualquer escrita, no sentido de corrigir pequenos equívocos de escrita ou conceituais, de maneira a deixar, assim, o texto limpo e claro ao leitor.

Todos os artigos passaram pelas sete etapas descritas anteriormente. A realização destes movimentos constitui-se o processo de construção do fichamento como procedimento científico.

3 ANÁLISE E DISCUSSÕES

3.1 Análise dos Textos: materiais em educação e suas reflexões...

Depois de realizadas as etapas descritas como “a” e “b” na metodologia da presente pesquisa, elencaram-se dez textos para a realização das etapas posteriores. Os textos possuem identidade própria, entretanto, o que se quis com tal seleção foi apontar certa costura sobre os pensamentos centrais estes, apresentando-se os resultados que seguem. Tais resultados estão numerados de acordo com ordem estabelecida pelos pesquisadores formando, desta maneira, um guia para a leitura. As referências dos textos encontram-se nas referências bibliográficas, ao final do artigo.

Texto 1: Amnesia sociológica: la “nocumulación” de la ciencia social (GANS, 2006).

A ciência social – e aqui se inclui a educação neste grande campo – não é cumulativa, como é anunciado no texto. Não se repetem resultados já anunciados por pesquisadores anteriores. Algo que parece óbvio, em uma perspectiva de que estudos na área de humanidades, não são estudos na área médica/clínica, por exemplo, onde diversos testes com os mesmos produtos são feitos para determinar resultados. O que se quer, com a pesquisa na área das ciências sociais é justamente propor novas reflexões, mesmo que sobre um tema semelhante: a escola, por exemplo.

Parece-nos que os trabalhos de pós-graduação formam parte de um campo especial dentro dos trabalhos de pesquisa: uma dissertação de mestrado não necessita, obrigatoriamente, de trazer algo de novo; já uma tese necessita, ao menos, ser um tijolo (ou um cimento) na grande parede do campo de conhecimento a que o trabalho se propõe. Com a licença poética da metáfora da “parede do conhecimento” – o que nos parece ser bem verdade – justifica-se a necessidade de um bom levantamento bibliográfico e construção de um estado da arte sólido, para que não se escreva mais do mesmo.

Um tema importante a ser refletido é sobre a temporalidade de um trabalho (tanto um texto lido ou outro produzido pelo pesquisador). Um texto se torna clássico tanto pela tradição

do campo de conhecimento para o qual se dedica e, de maneira especial, pela sua atemporalidade do mesmo, na medida em que se torna utilizável por diferentes gerações de pesquisadores, muitas vezes sem que estes reconheçam a data de publicação do texto que tendo sido escrito há 50 anos, representa uma realidade tão atual e viva como se tivesse sido escrito nas últimas semanas.

“Esquecer” as pesquisas e publicações anteriores? Não nos parece um artifício que se deva recorrer, ao escrever nossas pesquisas. A construção do estado do conhecimento da pesquisa a ser realizada não apenas preconiza conhecer o que já fora publicado sobre o tema específico de pesquisa, como também entender e melhor delimitar o que se vai pesquisar, para a construção do problema da pesquisa.

Neste sentido, cria-se uma memória coletiva sobre diferentes temas, construída pelas pesquisas. Aqui surge um alerta: a produtividade científica e profissional requerida hoje pela academia em geral e, principalmente, como métodos avaliativos meritocráticos. Que um pesquisador deve publicar seus resultados de pesquisa, isso nos parece óbvio! O que estranha é a grande quantidade requerida como meio avaliativo de permanência/acesso/evolução de pesquisadores/professores em seus empregos, programas de pós-graduação, afiliações de pesquisa. Vem se observando, sem sombra de dúvidas, que muitas pesquisas que não estão em um estado de madurez mínima começam a ser publicadas unicamente para cumprir protocolos numéricos e métricos, e pouco se reflete sobre a qualidade destes trabalhos. O que não queremos, e já sabemos, é que as pesquisas entrem neste rol.

De maneira prática, a discussão do texto termina com o questionamento: “deveria se fazer algo”? Sim, sem dúvidas. O inicial, já se faz: discutir estas ideias e, a partir delas, pensar em propostas de solução ou continuidade para o tema das pesquisas em educação. Criar bases de dados, como apontado, é uma sugestão inicial importante para evitar o repetitivismo acadêmico e, além de tudo, facilitar a busca por dados dos pesquisadores.

Texto 2: El diseño de la investigación. (MARRADI, 2007).

Decisão. Esta, provavelmente, trata-se da palavra central do texto referido acima. Há que se tomar decisões importantes quando do desenho de um projeto de pesquisa/investigação. Algumas características específicas do desenho de uma investigação colocam-se à frente do pesquisador e há que se pensar, refletir e interagir com estes elementos fundamentais.

Uma citação importante a ser trazida do texto é: “não é possível uma atividade de investigação não desenhada” (p. 73), ou seja, é preciso elaborar o desenho da pesquisa, e aqui se entende justamente o desenho não como uma obra artística exclusivamente, mas no sentido de haver um planejamento exequível para a pesquisa como um todo e, também, para cada etapa, respeitando as particularidades de cada uma.

As categorias de desenho estruturado e desenho emergente ilustram este processo: o primeiro configura-se no desenho de antemão, no que se prepara e organiza anteriormente à pesquisa em si. O segundo, do que surge no decorrer da pesquisa, haja vista que, ao passo em que se está em campo¹, situações novas, novos conceitos, novas ideias podem surgir e, com elas, novas possibilidades para pesquisa. É dizer: a pesquisa é preparada anteriormente, mas não fica fechada nela mesma.

Algumas das primeiras e importantes decisões a serem tomadas pelo pesquisador: construção do objeto, delimitação do problema, seleção e análise. Neste sentido é importante aclarar que tais escolhas dependem do problema que se cria para a pesquisa – a discussão do texto elucidará melhor esta temática, já que trata especificamente do problema de pesquisa e suas particularidades.

Não há dúvidas de que a operacionalização do problema de pesquisa, ou seja, que os fundamentos e práticas metodológicas estão vinculados ao tema, ao problema, bem como ao desenho da pesquisa como um todo. Para isto, a conceituação de um problema de pesquisa e a construção do marco teórico da pesquisa são dois elementos de cunho técnico que vão do nível mais abstrato ao mais concreto de uma pesquisa, formando parte da operacionalização do trabalho.

As etapas de uma pesquisa, que já são conhecidas pelos pesquisadores, mas sempre cabe serem trazidas à tona: o tema da pesquisa, o problema de pesquisa, os objetivos, a metodologia, a bibliografia... formam parte mais do que uma simples ritualidade ou regras práticas a serem seguidas.

Algumas reflexões importantes do texto são:

a) as escolhas que são feitas para uma melhor organização do projeto e execução da pesquisa: devem ser alinhadas entre as etapas do projeto de pesquisa (entre si) e, ao mesmo tempo, estar de acordo com a temática geral do texto;

¹ Aqui se coloca o sentido de campo da pesquisa não unicamente os trabalhos ou incursões em campo, mas todo o trabalho de artífice da pesquisa como um todo: leituras, conversas, eventos, aulas, entrevistas, escritas, etc.

b) a contextualização da pesquisa: a pesquisa deve estar de acordo com o tema escolhido (o que parece lógico, mas muitas vezes não o é para um número considerável de pesquisadores, como sabemos pela empiria);

c) o sucesso da realização da pesquisa está diretamente relacionado com o (bom) desenho da pesquisa, ou seja, com o bom planejamento – e sua consequente execução.

Não se tem ideia aqui, com estes três pontos concluintes, em receitar os saberes e fazeres na pesquisa. O que se quer é poder resumir, de maneira direta e prática, algumas das pistas para melhor elaboração da estrutura e dos textos de pesquisas.

Texto 3: Características do problema de pesquisa (PAVIANI, 2013).

Metaciência, segundo a definição do autor, é quando a própria ciência se torna objeto de investigação. Neste sentido, converge-se para um tipo de metaciência das ciências em educação, uma vez que nos debruçamos ao estudo da pesquisa em educação em si, com suas características particulares e lastros epistemológicos próprios.

Ao longo do texto, pode-se observar um desenvolvimento de ideias e conceitos envolvendo o surgimento, a relevância e a importância da estrutura de um problema de pesquisa. Sabe-se que a pesquisa é a arte de elaborar um bom recorte no problema de investigação. Caminhando nesta direção, há que se concordar com o autor quando afirma que “quanto mais se conhece algo, mais se tem condições de perceber lacunas ou problemas”, isto é, o conhecimento não se esvazia em si mesmo. Quanto mais conhecedores somos de um assunto, mais dúvidas surgem acerca do que já sabemos – e nisto se faz a ciência: saber mais sobre o que já se sabe muito.

Delimitar bem um problema de pesquisa é uma arte que, quando bem-feita, já pode iniciar a proporcionar possíveis soluções para um problema. Não se questiona sobre algo que não se sabe, ou seja, é preciso entender um assunto e, partindo-se deste pressuposto, recortá-lo a ponto de criar um problema não antes visto sobre o tema – aqui se insere, igualmente, uma das características de um trabalho de doutoramento, por excelência.

Há que se destacar, sem dúvidas, os três pontos propostos pelo autor quando da formulação de um problema científico: (a) ser uma pergunta científica; (b) ser claro e objetivo; (c) possuir viabilidade teórica e metodológica. Neste sentido, entende-se, então, o que já fora anunciado nestes escritos, uma vez que tal recorte – preciso – de um problema científico baseado nestas premissas indica para possíveis estratégias da busca de uma (ou mais

de uma) solução, levando-nos a pensar sobre os pressupostos metodológicos de uma investigação científica.

Sobre a temática das “hipóteses”, há que se aclarar que nem sempre pesquisas da área de humanidades – e especificamente em educação – vão requerê-las as mesmas para o desenrolar completo de uma investigação, já que “o uso das hipóteses depende da natureza do problema, das teorias e dos procedimentos de cada projeto de pesquisa” (p. 35), ou seja, não estaria um trabalho impedido de elencar hipóteses para sua construção. O que se sugere é que não se amarre neste gatilho metodológico, o que pode, por vezes, cercear o desenvolvimento de um projeto de pesquisa, com suas riquezas e detalhes próprios.

O que fica da leitura, interpretação e apropriação deste texto? O problema de pesquisa constitui-se de parte elementar e central, bem como de um eixo de extrema importância do projeto de pesquisa - tanto para a construção do projeto da pesquisa, mas também para futuras pesquisas a serem realizadas pelos pesquisadores/alunos.

Por fim, é importante ressaltar das particularidades de um problema de pesquisa e de sua construção. O respeito às individualidades de cada parte é etapa de um projeto de pesquisa, assim como o entrelaçamento entre todas elas é o que forma um projeto com clareza de leitura, objetividade nas pontuações e múltiplas possibilidades de resoluções; entretanto, ao escolher um caminho metodológico este, sem dúvida, direcionará a investigação para um contexto apropriado.

Texto 4: A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas. (CHARLOT, 2006).

Quais são as fronteiras da pesquisa em educação? Somos pesquisadores *em* educação ou *sobre* educação? São perguntas básicas que se colocam na leitura do texto de Charlot (2006), um texto atual e que faz todo o sentido para os pesquisadores na área de educação. Um ponto inicial na discussão do texto se refere ao um tema espacial das faculdades de educação: este espaço é colocado como ponto de encontro dos interessados na área de ensino. Neste sentido, podemos perceber claramente através das salas de aula de qualquer faculdade de educação, no que a constitui pelos alunos dos mais variados cursos.

Na graduação, além das alunas da pedagogia – aqui utilizamos o termo no gênero feminino, apenas para dar ênfase ao cenário dos cursos de pedagogia, embora sabedores de que existem homens neste curso – alunos de diferentes licenciaturas. Na pós-graduação, as faculdades de educação se enchem com alunos de outros cursos, inclusive, o que as tornam,

declaradamente, espaços de multi-cursos, porém, com uma individualidade: todos pesquisam algo na área de educação.

Aqui cabe uma crítica aos dias de hoje: é necessário que outras áreas do conhecimento (engenharia, medicina, arquitetura, por exemplo) ditem conceitos e aplicações epistemológicas à área da educação? Parece-nos que existem eixos estruturantes que embasam as teorias em educação que dizem respeito a esta área. Há que se esclarecer, igualmente, que o diálogo entre as áreas do conhecimento é importante e fundamental, principalmente na contemporaneidade, na qual se preconiza a interdisciplinaridade; entretanto, mesmo com todos os apontamentos efetuados pelo autor, entende-se que a área de educação e a pesquisa em educação possuem sua especificidade e, assim, deveria ser valorizada e respeitada.

Existem muitos discursos que rodeiam a área de educação, como apontado no texto analisado. O interessante refletir aqui é que, tanto nas áreas acadêmicas/de pesquisa, quanto nas áreas de docência/escola básica, percebe-se uma multiplicidade dos discursos. É dizer: nos espaços onde se faz educação se encontram os mais variados perfis de profissionais os quais vivem e produzem os mais variados discursos sobre seu trabalho, sobre sua pesquisa (quando há), sobre militância (quando realiza), sobre suas visões da educação e seu papel na sociedade.

Em meio a estes discursos dos profissionais da área, há que se pensar – de maneira macro – no que se quer com educação. Desta forma, concordamos com o autor, quando aponta uma tríade nos saberes e fazeres da educação: humanização, socialização e “*culturação*”. Ora, o trabalho do professor, sob esta ótica, não é simplesmente ensinar, mas sim fazer algo para que o aluno aprenda. O que temos é uma inversão de papéis e valores do que, historicamente, se fez em educação.

Se há necessidade ou não da criação de uma disciplina específica “educação”, um dos temas trabalhados no texto, não cabe a um único pesquisador responder. O que se perceberia aqui são os movimentos que a própria pesquisa em educação vem realizando ao longo do tempo, com suas particularidades, como já destacados anteriormente. Não nos parece que modismos invadem a área de pesquisa em educação e criam ciclos de interesses distintos. O que nos parece aqui é que a escola e a academia mudam – em alguns aspectos – ao longo do tempo, e aí se encontram as mudanças, as linhas e os ciclos dos interesses da pesquisa em educação.

Por fim, destacam-se as três grandes formas de atividades as quais, juntas, formam a categoria educação: alunos, professores e políticas. Uma escola apenas assim o será se estas

três formas se fizerem presentes e atuantes, pois educação vai muito além de um prédio físico. Educação é ação, é fazer, é movimento.

Texto 5: Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. (GATTI, 2001).

Pensar a pesquisa educacional do país de importantes autores e pensadores da educação, como Paulo Freire, por exemplo, não se trata de tarefa simples. Não se espanta o leitor, igualmente, ao descobrir que os primeiros grandes eixos da pesquisa em educação no Brasil foram: um enfoque psicopedagógico, processos de ensino e medidas de aprendizagem, uma vez que tais temas são base para a área da educação (ensino-aprendizagem), bem como ao que pese os mesmos brotarem de maneira orgânica, quando da criação de linhas de pesquisa de pós-graduação na área de educação no Brasil. Obviamente que outros temas foram surgindo e complementando o campo da pesquisa. A criação de grupos de trabalho, organizações, instituições específicas para tal fim também corroboraram neste processo de ampliação do que se pesquisa em educação.

Ao pensar na dificuldade da criação de categorias teóricas mais consistentes, que pudessem ir além da utilização de categorias já utilizadas por outras áreas do conhecimento, percebe-se que há, nitidamente, um salto qualitativo para a pesquisa em educação, visto que categorias próprias de análise poderiam abarcar melhor a densidade e a complexidade das questões educacionais em si. Este fato não repele, obviamente, a utilização de categorias de outras áreas do saber. Bem sabemos que existem áreas mais próximas da educação: filosofia, sociologia, psicologia, política, entre outras. A questão não é utilizar-se de conceitos próprios de outros, mas sim criar uma identidade própria para a área da educação em si.

No tocante ao tema da pergunta de pesquisa e do fato de esta não ser de grande densidade, como coloca a autora, há que se destacar do imediatismo em responder perguntas que solucionem – de maneira quase imediata – os problemas atuais da realidade educacional.

Neste sentido, na sequência, já é apontado que o mesmo problema pode ser encontrado em diferentes países, além do Brasil. O que fica claro é que o professor-pesquisador, ou o “professor que pesquisa”², tem ânsia em resolver tais situações em uma sociedade na qual a

² Parte-se do princípio que a profissão docente requer estar em constante pesquisa para o aprimoramento pedagógico. O que quer se referir aqui é ao professor que, para além de suas funções docentes, realiza a pesquisa de cunho acadêmico (mestrado, doutorado, por exemplo).

emergência da solução para seus problemas seja rápida e imediata, quando bem sabemos que os problemas da educação necessitam de amadurecimento para que possam ser resolvidos e, em tempos muito atuais, não sejam resolvidos via Medida Provisória, sem amplo debate e consulta a quem, de fato, entende de educação: os professores.

Há que se destacar, por fim, a relevância do impacto social da pesquisa em educação. Ao pensar que a educação (e suas mudanças) implica diretamente na sociedade, não há muito que discutir. O grande tensionamento seria então: que a mudança se quer que a educação realize na sociedade? Ou ainda: que educação para qual sociedade?

Neste sentido, o texto é finalizado com a chamada: “Há um papel social para a consistência metodológica?” (p. 55). Responder-se-ia: Sim! Mesmo sabendo-se que há pesquisas que interessem a determinados grupos e possuem baixo rigor metodológico, buscase o entendimento de que a rigorosidade no método dá a autoridade que pesquisa busca reconhecer. Há que se prever, com seriedade, um rigor metodológico que alcance as estruturas sociais com as quais a educação lida. Há que se constituir uma estrutura de pesquisa em educação que preconize o discernimento do rigor acadêmico, dadas as diversas realidades nas quais se realiza a pesquisa em educação.

Texto 6: A pesquisa em educação: ciência ou ciências. (PLAISANCE, 2001).

O questionamento inicial já coloca o interlocutor em atitude de expectativa pela continuidade do texto, uma vez que propõe a discussão acerca de se a pesquisa em educação tratar-se de “ciência” ou “ciências”.³ Isto posto, há que se destacar da necessidade do entendimento da composição do campo “pesquisa em educação”. Para isto, há que se reconhecer a diversidade das abordagens científicas do campo da educação: muito se pode pesquisar em educação, tornando-a um grande campo de pesquisa com as suas subáreas e divisões necessárias para que uma pesquisa possa se enquadrar em como uma pesquisa na ou sobre educação.

Acredita-se que a educação possui uma unicidade, mesmo em se tratando de um terreno múltiplo e diverso. Tal unicidade – que ajuda na formação do objeto de estudo – encontra-se justamente na pluridisciplinaridade interna do campo. Ou seja, em um primeiro momento pode parecer algo ambíguo ou até mesmo contraditório, mas a educação encontra

³ Tal discussão é amplamente trabalhada no texto de Charlot (2006), quando aborda a discussão do que seria o objeto de pesquisa da área de educação.

seu objeto de estudo justamente na composição múltipla de suas amplas subáreas de pesquisa e atuação.

Há pesquisas que se dedicam a temas de gestão escolar, dados quantitativos de aprovação (avaliações de larga escala), sociologia da educação, relação professor-aluno, práticas pedagógicas... a lista é consideravelmente grande. O que se destaca, neste sentido, é a heterogeneidade das pesquisas em educação, fato que torna o campo rico e consideravelmente volumoso.

No que se refere ao tema da produção universitária de teses de doutoramento, há que se destacar o foco de referência dos trabalhos avaliados: a prática social, em particular pedagógica. Em um amplo espectro, as pesquisas em educação dizem sobre a sociedade. Há a velha máxima: “a escola produz a sociedade ou a sociedade produz a escola?”. Analise-se bem: a escola, em certo ponto, é formada como uma micro-sociedade, repleta de sujeitos, hierarquia, espaço geográfico, normatizações, etc. Por outra ponta, é na escola que as relações sociais são formadas⁴ em sua gama de ações, reações e consequências. Não há como dissociar escola e sociedade, nesta relação amalgamada pelos “metais” da escolarização, o processo educacional ocorre em sua igual plenitude.

Não é o pesquisador quem decide o caminho da escola/educação para os próximos anos. Todavia, é o pesquisador que abre portas para novas leituras de escola e de educação, de acordo com suas pesquisas. Neste sentido, o conjunto de pesquisadores em educação possui responsabilidades inerentes ao processo de pesquisa em educação e escolarização. O fazer da pesquisa em educação, sem dúvidas, está diretamente vinculado ao fazer pedagógico de sala de aula: seja pela relação social ou pedagógica que nele se dá.

Analisa-se, por fim, a busca do ideal da ciência educacional: seja transpor barreiras impostas por ela mesma ou pela sociedade ou, ainda, a criação de uma cultura, na qual a educação consiga manter-se íntegra, necessária e à margem deste ou daquele governo. Que a educação e a sua pesquisa tenham a liberdade de ir e vir pelos caminhos da sociedade, em constante transformação!

⁴ Afinal, há matrículas de alunos com meses de idade em escolas e creches e tais vivências se dão até os 17 anos, para quem a conclui em idade regular.

Texto 7: La práctica de la Sociología Reflexiva. (BOURDIEU, 2005).

Parece ousadia escrever parafraseando Bourdieu⁵, importante autor de tão vasta e magnífica obra. De imediato, há que se destacar sobre a necessária fala de que a apresentação de uma pesquisa se trata de um discurso no qual o pesquisador se expõe e corre riscos, na medida em que pode ser arguido por avaliadores e não construir raciocínios fundamentais para a elaboração imediata de sua resposta. Tal fato é fundamental para o entendimento das múltiplas possibilidades de atuação do pesquisador quando da divulgação de seu trabalho de pesquisa, já que “o *Homo Academicus* gosta do acabado” (p. 72).

Ensinar um ofício determina uma pedagogia que não é, de forma alguma, a que combina com ensino de saberes. Sociedades sem escrita ou normatização do saber possuem saberes gigantescos. Neste sentido, pode-se afirmar que os saberes emanam do cotidiano, da vida, das práticas e vivências. A pesquisa não trata de uma atitude isolada, mas está inserida, portanto, em um espaço social.

Há, sem dúvida, uma preocupação com o objeto de pesquisa, quando se pensa no direcionamento de toda uma movimentação metodológica e de um foco de análise em determinado campo do conhecimento. A pesquisa, então, não se reveste de um rigorismo, mas sim de prever rigorosidade da pesquisa/ciência.

Quando se propõe a discussão da pesquisa sociológica, não se apresenta a pesquisa na área da sociologia pura em si, mas sim das opções da etnografia e da historização dos objetos de estudo, por exemplo. A reflexão, sobre as etapas da pesquisa é apresentada como ponto fundamental, mas o pesquisador também deve se dar conta de sua condição para a realização da pesquisa: classe, gênero, estruturas pessoais em geral. Isto posto, questiona-se ainda de como seria possível um distanciamento do pesquisador em relação ao objeto, dando conta destas condições pré-existentes? A tarefa seria negociar com esta ordem que já está posta, bem como ter o cuidado de não vir a negar uma ordem existente.

Pode-se referir, neste caminho da pesquisa em educação, que as investigações trabalhar-se-iam com problemas sociais (da educação), que podem ser facilmente identificados pela mídia, ou até mesmo nos mais diversos cotidianos docentes, nas cidades, na vida social. Na verdade, o que se preconiza é que estes problemas podem ser trabalhados na

⁵ Pierre Bourdieu, sem dúvidas, é um dos mais importantes pensadores que marcaram o século XX, com vasta obra produzida e uma construção filosófico-acadêmica da teoria do construtivismo estruturalista, além de vários escritos relacionados ao campo da Educação (Nascimento: 1930. Falecimento: 2002).

pesquisa; no entanto, tal problema deve passar por uma conversão para que se torne um problema sociológico e, então, poder ser discutido academicamente.

Com a complexidade da realidade social, não se pode imaginar utilizar-se apenas de um enfoque de pesquisa, seja ele quantitativo ou qualitativo. É nos postos que o mundo é tão complexo e, dada esta complexidade, necessita-se abarcar todas as possibilidades/opções metodológicas disponíveis para a construção de uma pesquisa.

Por fim, há que se destacar a atualidade da obra de Bourdieu tanto no que se refere às questões de cunho acadêmico⁶, quanto no que se refere às questões de cunho sociológico⁷. Vive-se em tempos nos quais o produtivismo desenfreado e a burocratização têm tomado conta dos corredores e das práticas nos ambientes universitários. Oxalá isto mude!

Texto 8: Cómo investigan los sociólogos chilenos em los albores del siglo XXI. (RAMOS ZINCKE, 2005).

A arte de pesquisar sobre a pesquisa científica constitui por si só importante parte do processo de investigação, no qual já se pode compilar, verificar, estudar e conceituar sobre o que já está sendo pesquisado ou, ainda, para onde se dirige a pesquisa científica de determinado campo. Neste sentido, a construção do “estado do conhecimento” de uma pesquisa ou mesmo do andamento das pesquisas em um campo do conhecimento ajuda o pesquisador na tarefa da delimitação de áreas de estudo, na criação de categorias de pesquisa e no direcionamento geral de suas ações metodológicas.

Ao pensar “como pesquisa” determinado grupo de pesquisadores, se está elaborando importante mapeamento dos trabalhos produzidos pelos pares e, desta forma, construindo um número considerável de questionamentos para os próximos trabalhos. A estrutura do texto estudado compreende: introdução, marco teórico, estado do conhecimento, metodologia, resultados e discussões. Tal estrutura – básica e elementar para um trabalho científico – possibilita ao leitor dar-se conta da estrutura de pesquisa – mais complexa – estabelecida por detrás das pouco mais de vinte páginas de um artigo científico, por exemplo. Quando este exercício é feito, pode-se compreender que uma pesquisa tem um tamanho considerável e que

⁶ O referido autor tratou em sua obra das questões próprias da ciência e do campo científico, alargando discussões sobre a prática do pesquisador e a relevância social da pesquisa, por exemplo.

⁷ Obviamente que a produção de Bourdieu dentro do campo acadêmico está intrinsecamente ligada a um cunho social de raiz forte, entretanto há que destacar a produção na área de sociologia, de maneira geral.

os produtos – artigos – são pequenos espaços para demonstrar muitos outros tantos resultados encontrados.

Um tópico importante, que merece destaque para pesquisadores é o da criação de categorias de pesquisa. Para além de cumprir a rigosidade – e por vezes a tradição – acadêmica, a criação de categorias de pesquisa ou categorias de análise possibilita a confecção de uma estrutura de conceitos que alimentam e dão base à pesquisa: forma um eixo estruturante que norteia⁸ o processo de investigação. A criação de categorias pode estar presente, nesta forma, em diferentes partes de uma pesquisa, por exemplo: (a) construção do estado da arte da pesquisa: é necessário criar categorias para a seleção do *corpus* da análise e algumas categorias, provavelmente, brotarão da análise dos textos e pesquisas encontrados; (b) elaboração do marco teórico: ao organizar este elemento da pesquisa, a criação de categorias se apresenta como forma fundamental para estabelecer coerência e coesão na escrita desta seção de uma investigação; e (c) análise dos dados: aqui provavelmente, a parte que mais se utilize da criação de categorias, mas neste ponto, categorias de análise, ou seja, a criação de classes que emergem como organização dos resultados de toda uma aplicação metodológica da pesquisa.

Por fim, considera-se como interessante a concepção do pesquisador como artífice. O artífice é o trabalhador-artesão que produz algum artefato manual. O pesquisador, na solidão⁹ da pesquisa, produz – manualmente¹⁰ – o processo de investigação. É evidente que tal trabalho requer tempo, atenção e dedicação redobrados e o cuidado para que o produto não caia no senso comum, nem em equívocos vistos no campo de pesquisa em educação na atualidade.

⁸ Nortear: dar direção, sentido, rumo. Há vezes que preferimos utilizar o verbo “sulear” – não existente na língua portuguesa gramatical, mas totalmente carregado de um sentido geopolítico, no sentido de não estar adequado ao modelo de referência no mundo (norte: desenvolvimento, rumo, sentido; sul: subdesenvolvimento, atraso).

⁹ Mesmo que seja com o apoio e guia de um orientador, o trabalho de pesquisa apresenta-se como algo solitário, uma vez que, em grande parte dos momentos, o que se apresenta é apenas o pesquisador e sua pesquisa.

¹⁰ Mesmo que as intervenções digitais estejam cada vez mais presentes no trabalho de pesquisa, apresenta-se o termo “manualmente”, no sentido de designar que o pesquisador é o artesão da própria pesquisa.

Texto 9: Análise de dados na pesquisa qualitativa: desafios ao pensamento criativo. (ALMEIDA, 2014).

Certa feita um jovem pesquisador do campo da educação fez a seguinte reflexão: qual seria a melhor forma de coletar e, posteriormente, analisar dados de uma pesquisa envolvendo sujeitos-alunos? Se fosse ao início da trajetória em pesquisa, possivelmente as análises quantitativas seriam execradas, alegando-se que as mesmas pouco contribuiriam para discussões mais profundas. Em outro momento, exaltar-se-iam as análises qualitativas, pelo mesmo motivo. Atualmente, pode-se dizer que ambas as formas de análise são complementares e, aplicando-se a velha máxima: “nem tanto ao céu, nem tanto ao inferno”, o bom senso e a realidade do que se pesquisa são palavras de ordem.

Ao pensar qualitativamente os dados de uma pesquisa, faz-se necessário, sem dúvidas, entender as conexões entre os dados da investigação e o problema de pesquisa para, assim, verificar os limites e possibilidades de análise para tal feito.

Neste sentido, há que se recordar da importância de construir um projeto de pesquisa, o qual esteja rigorosamente estruturado, ou seja, que possua estrutura e conteúdo compatíveis com o que se busca conhecer e que siga as normas/padrões exigidos pela academia. Assim sendo, a elaboração do projeto de pesquisa constitui-se de habilidade fundante para a análise qualitativa dos dados de análise.

Analisar o discurso ou a narrativa, por exemplo, requer atenção especial para alguns pontos que podem tornar-se frágeis, se não observados cuidadosamente: (a) há que se entender o discurso contextualizado em seu tempo e espaço; (b) há que se perceber o interlocutor em seus aspectos socioculturais; (c) há que se definir uma linha de análise única e precisa; (d) há que se construir e buscar padrões de discurso; e por fim (e) há que se verificar alternâncias e discrepâncias das falas. Obviamente que o elencado são pistas para análise inicial do discurso ou das narrativas, por exemplo. O que fica claro desde o início é que as pistas apontadas são pontos de contato entre o pesquisador e seu material de análise.

Um ponto importante ao qual seria interessante fornecer especial atenção, no que se refere à análise qualitativa dos dados da pesquisa é o olhar. A observação, a descrição, a contemplação, a narrativa da observação são preciosos instrumentos para análise dos dados qualitativos, principalmente quando se tratam de pesquisas no âmbito das ciências humanas e

sociais. Neste sentido, a Sociologia do Cotidiano¹¹ fornece excelentes opções para o exercício da observação e do olhar. A vida cotidiana é um terreno onde se vive a experiência antropológica do olhar, de uma vadiagem do olhar que, só com sensibilidade teórica, consegue captar o que se oculta no que é visível.

Por fim, outra questão importante, quando se fala da análise dos dados qualitativos, poderia ser a questão do silêncio. Em muitos casos os pesquisadores se deparam com o silêncio de seus entrevistados. A escuta do silêncio coloca o desafio de o saber interpretar. Hoje existem sofisticados pacotes de software de apoio à análise qualitativa, porém esbarram num impasse quando são chamados a interpretar o silêncio, pois são incapazes de descobrir o significado que soa no silêncio de qualquer palavra. Portanto, escutar o silêncio e saber interpretá-lo também é tarefa do pesquisador do cotidiano e do bom pesquisador que procura realizar análises em profundidade de seus achados de pesquisa.

Texto 10: Sobre artesanía intelectual. (WRIGHT MILLS, 1961).

Fazer ciência é praticar um ofício. Não há dúvidas que a afirmação anterior trata da mais pura realidade, quando o pesquisador se encontra com o fazer diário e cotidiano da pesquisa, seja a pesquisa em qual campo for. Mais interiormente, no campo das ciências humanas e sociais, a pesquisa é um ofício – mesmo não compartilhando dos símbolos clássicos da ciência, como os laboratórios e tubos de ensaio, por exemplo – pois o pesquisador realiza diferentes estratégias para lograr êxito em seu trabalho: pesquisa bibliográfica, entrevistas, questionários, observações, mergulhos etnográficos, etc.

Neste caminho da pesquisa, o artesão-pesquisador vai, igualmente, constituindo-se enquanto artífice. E é por isso que a vida do pesquisador, em muitos casos, é o que dá base para gerar o mote de suas pesquisas. Certa feita, em uma aula de metodologia da pesquisa, uma professora afirmou: “nós pesquisamos, muitas vezes, aquilo que nós somos, ou aquilo que nós não fomos ou ainda aquilo que nós gostaríamos de ter sido”. Há que se concordar que, de alguma forma, mesmo que da forma mais longínqua possível, a pesquisa atravessa o pesquisador em algum momento de sua vida.

O que forma parte do artesanato intelectual? Em uma sociedade acadêmica repleta de parâmetros de produtividade elencados pelas agências de fomento à pesquisa, o cenário pelo

¹¹ Dos autores que se dedicam ao tema da Sociologia do Cotidiano, aqui se destaca José Machado Pais, e sua principal obra sobre o tema: Sociologia da Vida Quotidiana. Referência: PAIS, José. Machado. **Sociologia da Vida Quotidiana: Teorias, Métodos e Estudos de Caso**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

qual a pergunta pode ser respondida é um tanto desolador. A produção interminável de artigos e capítulos de livro, por exemplo, é parte integrante do artesanato intelectual? Tangencialmente sim. Mas parece que a construção da pesquisa e da identidade do pesquisador vai para muito além da quantificação requerida nos relatórios de produtividade acadêmica. Realizar uma obra de arte requer tempo, disciplina, organização, persistência, resiliência, ética, etc. Para a pesquisa não é diferente, visto que a construção da mesma é tarefa árdua, porém prazerosa para quem, de fato, gosta do que faz.

Para além da empiria do cotidiano, a pesquisa e a arte de realizá-la necessitam de determinada credibilidade a qual fornece os apoios de confiança do que se produz, principalmente em termos de resultados. Portanto, o pesquisador possui o dever ético de embasar suas conclusões em dados científicos esquadrihados através de suas fontes de pesquisa garantindo, assim, a busca pela constituição da ciência e de seu campo de pesquisa cada vez mais plurais e éticos.

Empregar de maneira correta o tempo na pesquisa, igualmente constitui-se de importante passo para a boa construção do “artesão da pesquisa”. Neste sentido, a elaboração de um cronograma exequível e flexível – quando necessário – é item indispensável para a realização das etapas da pesquisa dentro do período de tempo necessário para seu desenvolvimento.

Outro ponto importante, quando se trata da redação do texto de pesquisa é ter claro: para quem se está escrevendo, de que forma se está escrevendo, de qual posição se escreve e para qual posição se dirige a escrita. Estes pontos são fundamentais para a escolha, por exemplo, dos termos a serem escritos na redação final da pesquisa, por exemplo.

Por fim, há que se destacar que uma pesquisa dificilmente encerrar-se-á em si mesma. Nota-se que, em muitos casos, as considerações finais ou conclusões de trabalhos acadêmicos de qualquer nível (trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos publicados em revistas, textos em anais de congressos, etc.) abrem o ponto de vista do leitor para outras indagações não pensadas quando do início da constituição do trabalho. Ou seja, o trabalho científico que se estabelece a partir de uma pergunta, desenvolve-se, conclui-se e, ao mesmo tempo, deixa o leitor com vontade de aprender e buscar mais sobre o assunto: aí está uma forma interessante de fazer ciência.

3.2 Categorias analíticas: o que emergiu do fichamento dos textos

Concluída a etapa de fichamento dos textos fez-se necessário categorizar os achados. Para tanto utilizou-se a análise de conteúdo, conforme ensina Bardin (2009). Dos temas tratados nos dez textos analisados, como *corpus* da análise da presente pesquisa, três grandes categorias emergiram. São elas: (a) o ofício do pesquisador; (b) a normatização da pesquisa; e (c) o campo científico da educação.

a) O ofício de pesquisador: está claro que a identidade do pesquisador se constitui no decorrer do trabalho de pesquisa. Com um professor acontece a mesma coisa. Não se pode afirmar que no exato momento em que o barrete é imposto sobre a cabeça de um formando acontece uma espécie de magia e a profissão está constituída. Obviamente que no item legal isto ocorre, uma vez que se configurou a diplomação. Ocorre que, em se tratando das questões de identidade, estas se constroem e se formam na prática, durante o exercício das atividades de pesquisa, no caso, juntando acertos, erros, tentativas e histórias profissionais. Quando, então, estaria formada a identidade do pesquisador? Ao concluir seus estudos de doutoramento? Entende-se que se trata de processo em movimento, ou seja, justamente no cotidiano que tal identidade de constitui, se reforça e se complementa.

b) Da normatização da pesquisa: aqui há dois subitens a serem especialmente destacados. O primeiro diz respeito às normas e regras do processo de pesquisa, ou seja, da rigorosidade acadêmica que deve seguir o pesquisador. Tal atitude garante mais do que apenas a confiabilidade nos resultados da pesquisa, mas conserva a tradição acadêmica – mesmo que esta possa ser alterada ao longo do tempo – e também garante a segurança de o que foi pesquisado conter uma lógica de todo o processo. O segundo ponto diz respeito à normatização e à quantificação da produtividade do pesquisador. Não é novidade – e já fora igualmente destacada no texto – que as exigências pelas quais passam os investigadores nos mais diferentes espaços de pesquisa no Brasil e em outras tantas diferentes partes do mundo, impõem, muitas vezes uma lógica produtivista que acaba por comprometer a qualidade do que é produzido e, tantas outras vezes, uma replicação pouco modificada do que já foi apresentado. Há que encontrar outros métodos de avaliação de produtividade que preconizem a qualidade em detrimento da quantidade na pesquisa.

c) Do campo científico específico da educação: a partir das discussões estabelecidas, parece-nos que a especificidade epistemológica do campo da educação deve ser defendida pelos próprios pesquisadores do campo, mesmo os próprios sendo de diferentes áreas, como igualmente já explicitado no decorrer do texto. Quando se aborda a temática do campo de

pesquisa em/na educação há que se entender sob quais conceitos e circunstâncias tais pesquisadores trabalham: observação de escolas, análise curricular, entrevista com professores, gestores, estudantes, etc. Há uma demanda específica do campo a qual, igualmente, reforça tal identidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 por mais escritos de pesquisa...

Apesar de se tratar de um recorte da totalidade dos textos que evidenciam quão amplo é pesquisar o campo da educação, pois tomamos em consideração apenas dez destes, as análises revelam que os autores, ao colocarem em pauta suas vivências como pesquisadores, aspiram criar as condições de possibilidade que possam vir a favorecer o alargamento dos horizontes no que tange à pesquisa em educação.

É preciso refletir que, para os pesquisadores em formação, faltam-lhes a experiência e, ao alargar o (re) conhecimento das vivências (suas e dos colegas), podem transformar-se. Podem revisitar o planejamento de suas investigações, o diálogo incessante entre teoria e prática, reconstruindo e ressignificando os saberes.

Espera-se que as discussões estabelecidas ao longo da pesquisa, bem como as categorias que emergiram nas análises possam contribuir com o debate que já vem sendo realizado pelos estudiosos acerca da investigação em educação, garantindo a certeza de que tal tarefa venha colaborar para na construção de um campo científico com suas características próprias, seus métodos de pesquisa, cujos princípios de funcionamento sejam dominados por seus participantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L. Análise de dados na pesquisa qualitativa: desafios ao pensamento criativo. **Arxius de Ciències Socials**, n.31, p.143154, dez. 2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BOURDIEU, P. La práctica de la Sociología Reflexiva (Seminario de París). In: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Traducción: Ariel Dilon. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005,

BUZAN, T. **Mapas mentais e sua elaboração**: um sistema definitivo que transformará sua vida. São Paulo: Cultrix, 2005.

CACHAPUZ, A. **Do estado da arte da pesquisa em educação em ciências**: linhas de pesquisa e o caso “Ciência-Tecnologia-Sociedade”.

CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n.31, jan./abr. 2006.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GANS, H. Amnesia sociológica: la “nocumulación” de la ciencia social normal. **Apuntes de Investigación del CECYP**. Centro de Estudios en Cultura y Política. Año X, 2006, N° 11, Bs. As.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livro, 2007. 86 p.

_____. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil, contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, n.113, p. 6581, julho/2001.

MARRADI, A; ARCHENTI, N; PIOVANI, J. El diseño de investigación. In: _____. **Metodología de las Ciencias Sociales**. Buenos Aires, Emecé, 2007, p. 71-85.

MOROSINI, M. Estado de conhecimento e questões do campo científico. **Revista educação**. Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 101-116, jan./abr. 2015. p. 304-363

PAVIANI, J. Características do problema de pesquisa. In: _____. **Epistemologia Prática**, Ensino e conhecimento científico. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.

PLAISANCE, É; VERGNAUD, G. A pesquisa em Educação: Ciência ou Ciências. In: _____. **As Ciências da Educação**. São Paulo: Loyola, 2001.

RAMOS ZINCKE, Claudio. Cómo investigan los sociólogos chilenos en los albores del siglo XXI: paradigmas y herramientas del oficio. **Persona y Sociedad**, XIX (3), 2005, p. 85-119.

ROMANOWSKI, J. P; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 6, núm. 19, septiembre-diciembre, 2006, pp. 37-50

WRIGHTMILLS, C. Apéndice. Sobre artesanía intelectual. In: **La imaginación sociológica**. Fondo de Cultura Económica, México, 1961. p. 206-236.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

LACERDA, M. P; OLIVEIRA, V. H. N. A Invenção do Pesquisador em Educação: Atores, Autores e Práticas. **Rev. FSA**, Teresina, v.15, n.5, art. 5, p. 88-111, set./out. 2018.

Contribuição dos Autores	M. P. C. Lacerda	V. H. N. Oliveira
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X